

Obs.: O texto abaixo é uma espécie de resumo, publicado especialmente pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (FALE/UFMG). Ele foi extraído da coletânea **Viva Voz: a tradição oral**, como se poderá notar pelo sumário. Na referida coletânea, este texto se encontra ao lado de textos de outros autores, sobre o mesmo tema. Conforme a nota 1, ele é a “seleção de extratos e tradução de Sônia Queiroz, a partir de CALVET, Louis-Jean. *La tradition orale*. Paris: PUF, 1984 (col. Que Sais-Je?), págs. 3, 39-43; 123-125”. Na tradução completa dessa obra para o português, realizada por Waldemar Ferreira Netto e Maressa de Freitas Vieira, Editora Parábola, 2011, com o título **Tradição oral e Tradição escrita**, essas páginas correspondem, respectivamente, às 07; 51-55 e 146-148.

Prof. Jorge Viana de Moraes
IELP II (USP)
2º semestre de 2021.

viva voz
viva voz
viva voz
viva voz

A tradição
oral

viva voz
viva voz
viva voz

N. Cham 398.2 T763 2006

Título: A tradição oral.



147120607

Ac. 413592

vernu.] A
veru.] Adj
de veri-
Do lat. ver

o lat. verone
a Verona (It
e Verona.
, veroneses

f. 1. Reliq
Roma, e
que, se
ta, de nom
o carregav
a sua fig

..., deixa
e verôn
(Euclides

o rosto en
P. ext. Ro
s do enter

naz. Cipó
mosa), da
flores e
ma sâma
oficial.

il. Adj. 2
vilhança.
vilhante.
ilidade.

vilimo. A
litude.

vil. [Var
que p

izes-do-
no. [Do
no. [Do la
ero-. Ec
ronense
eronês.
eronês. [E
u relativ
abitante
eronesa (r
rônica. S
Pedro, em
sudário) en
hierosolimi
Jesus qua
ali grava
encardic
rosários
amulet
imager
metal.
procisso
Bras., /
gia sut
pequer
fruto é
verôni

LETRAS

8.2
63
06

ver
ven
ver

viva voz

412 592

Faculdade de Letras

BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

11 / 09 / 2006

14712006-07

BELO HORIZONTE

Diretor da Faculdade de Letras
tho José Lins Brandão

r
der Emediato de Souza

Comissão Editorial

Eliana Lourenço de Lima Reis, Elisa Amorim
Vieira, Lúcia Castello Branco, Maria Cândida
Trindade Costa de Seabra e Sônia Queiroz

Tradução

Ana Elisa Ribeiro,
Fernanda Mourão e Sônia Queiroz

Capa e projeto gráfico

Mangá - Ilustração e Design Gráfico

Editoração de texto

Fernanda Mourão

Formatação

Neide Freitas

Revisão de provas

Michel Gannam e Neide Freitas

Endereço para correspondência:

FALE/UFMG - Setor de Publicações
Av. Antônio Carlos, 6627 - sala 3025
31270-901. Belo Horizonte - MG
Telefax: (31) 3499-6007
e-mail: relin@letras.ufmg.br
vivavozufmg@yahoo.com.br

Sumário

Apresentação . 5

Textos orais e textura oral . 7

Emilio Bonvini

Literatura oral e oralidade escrita . 12

Mineke Schipper

A literatura africana e a questão da língua . 27

Abiola Irele

Estilo oral . 44

Louis-Jean Calvet

A palavra na sabedoria banto . 50

Alexandre von Saenger

O significado da literatura em culturas orais . 66

Ruth Finnegan

Estilo oral¹

Louis-Jean Calvet

Sou griô. Eu sou Djeli Mamdou Kouyaté, filho de Bintou Kouyaté e de Djeli Kedian Kouyaté, mestres na arte de contar. Desde tempos muito distantes os Kouyaté estão a serviço dos príncipes Keitá, do reino Mandinga: nós somos os sacos de palavras, somos os sacos que guardam segredos muitas vezes seculares. A arte de contar não tem segredo para nós; sem nós, os nomes dos reis cairiam no esquecimento, nós somos a memória dos homens; por meio da palavra damos vida aos feitos e gestos dos reis diante das novas gerações.²

"Os textos autenticamente orais são marcados por uma pontuação ritmada que facilita para o intérprete a memorização e para o público a compreensão", escreve Maurice Houis,³ que, mais adiante, a respeito de um provérbio bambara:

ni i yé nt̄ri boflên kónokà ɔ blà kɔlɔn kóno a kó
án táara jamanikúrá là
(se você tira um sapo de uma cabaça e põe num pilão, ele diz: fomos embora, para uma nova terra)

propõe que ele seja escrito em "versos claudelianos", a fim de conservar na escrita seu ritmo oral:

Ni i yé nt̄ri boflên kóno
kà ɔ blà kɔlɔn kóno
à kó
án taara jamanikúrá lá⁴

Assim está colocado o problema da *forma* da tradição oral e da *fidelidade* de sua transmissão, isto é, o problema da memória. Todo contador insiste em dizer que transmite o que lhe foi transmitido,⁵ que não inventa nada, etc., e já vimos que, apesar das variantes dos textos, inclusive no repertório

¹ Seleção de extratos e tradução de Sônia Quelroz, a partir de: CALVET, Louis-Jean. *La tradition orale*. Paris: PUF, 1984. (Que Sais-Je?) p. 3, 39-43; 123-125.

² D.T. NIANE. *Soundjata ou l' épopée mandingue*. Paris, 1960. p. 9.

³ HOIUS, Maurice. *Anthropologie linguistique de l' Afrique noire*. Paris: 1971. p. 46.

⁴ *Ibidem*, p. 67.

⁵ Ver, por exemplo: FINNEGAN, Ruth. *Oral poetry*. Cambridge, 1977. p. 53.

de um mesmo contador, a convergência das diversas versões nos leva, por outro lado, a considerar essa afirmação da fidelidade à fonte, pois, se os textos recolhidos nunca são *exatamente* semelhantes, apresentam, no entanto, fortes convergências.

Essa forma do texto oral estaria ligada ao problema das técnicas de memorização, e neste caso as variantes são apenas o indício das falhas de memória? É mais ou menos essa a visão de Henri Davenson, que escreve, a propósito da canção:

De início, a transmissão por via oral está sujeita a deformações muito mais numerosas e profundas do que aquelas a que se expõe a tradição manuscrita. Confusões, lapsos, contra-sensos, nada é menos fiel que a memória: além das lacunas, artificialmente preenchidas mais tarde, ou, ao contrário, das aproximações ilegítimas, junções, acréscimos. Enquanto a escrita obriga o copista ou o editor a escolher entre os diferentes estados possíveis do texto, a memória conserva lado a lado múltiplas variantes.⁶

Mas o que é apresentado acima como defeito, por um historiador de tradição escrita, de fato é o princípio constitutivo da oralidade. Pois as variantes do texto oral não são traições de uma forma fixa, *ne varietur*, que elas tentariam restituir, elas se inscrevem num certo estilo que, se facilita a memorização, responde também por outras funções – o *estilo oral*.

De fato, a questão não é opor *memorização* a *improvisação*, nem medir o grau de fidelidade de um texto oral, ou, ao contrário, seu grau de divergência, mas antes, perceber que o estilo oral não é um fato exótico ou antigo, que ele vive perto de nós e freqüentemente sustenta algumas de nossas formas cotidianas. Os provérbios, por exemplo, fixados pelo uso, apresentam uma estrutura formal que os aproxima do estilo oral, com ecos fônicos e semânticos. Citemos apenas três exemplos, um de origem francesa – *Qui vivra verra* (*Quem viver verá*), outro italiano – *traduttore*

⁶ DAVENSON, Henri. *Le livre des chansons*. Neuchâtel, 1944. p. 82-83.

traditore (tradutor, traidor), e o último, inglês - *to feed your cold and starve your fever* (agasalhar seu frio e acabar com sua febre), nos quais as rimas e aliterações saltam aos ouvidos, assim como os pares semânticos (*feed* "alimentar", "satisfazer"/*starve* "matar de fome", "frustrar", *cold* "frio"/*fever* "febre", *traduttore* "tradutor"/*traditore* "traidor"...). Mas os *slogans*, inventados à medida que os manifestantes desfilam, apresentam com frequência as mesmas características (*Pompidou des sous*, *CRS SS*, etc.) às quais se acrescentam necessidades rítmicas inerentes à relação obrigatória entre a língua e o corpo em marcha (o *slogan* é escandido com a marcha, e seu número de sílabas, eventualmente ímpar, é sempre reduzido a um número par de unidades rítmicas).⁷ Vale dizer que, se estamos aqui na fronteira do que Roman Jakobson chamou a função poética, esta função é muito mais complexa do que se pode imaginar, ela não responde apenas a necessidades estéticas, e os fenômenos formais que acabamos de mencionar constituem ao mesmo tempo uma resposta ao problema da memória (retemos melhor um texto em verso do que em prosa), uma certa pesquisa semântica (em *CRS SS* as semelhanças fônicas sugerem semelhanças semânticas) e uma pesquisa estética.

Assim, a recorrência de "fórmulas" repetitivas que dão ao texto oral seu aspecto particular não implica de modo algum uma condição passiva do intérprete, pois cada enunciação é ao mesmo tempo uma recriação e uma retransmissão, seja num texto oral, seja numa canção das nossas sociedades, há o estilo do fragmento e o estilo do intérprete, há a história e a maneira de contá-la. Essa variante individual, que pode ser estilística, pode também ser contextual, adaptada a tal evento ou a tal auditório. Assim,

⁷ Cf. CALVET, Louis-Jean. *La production révolutionnaire*. Paris, 1976. E também: CALVET, Louis-Jean. *Langue, corps, société*. Paris, 1979.

A. Hampaté Ba observa, a respeito de uma epopéia dos peul, *Kaydara*, que

[...] não se conta *Kaydara* da mesma forma diante das crianças ou dos sábios. Existe um resumo do conto para os ouvintes despreparados, e um esotérico, o qual só é mencionado diante daqueles que sabem da sua existência ou podem compreendê-lo.⁸

É claro que de um gênero a outro, de uma cultura a outra, pode variar o grau de *improvisação* e de *memorização*. Mas o que conta é que o texto de tradição oral está exatamente na convergência desses dois princípios. O intérprete é mesmo esse "saco de palavras" do qual fala o *griô* Mamadou Kouyaté, a memória do povo (o que permitiu a Hampaté Ba dizer que, na África, um velho que morre é uma biblioteca que se queima), mas o intérprete é também um artista, um criador. A forma de seus textos o ajuda a memorizá-los, mas ele sabe enunciá-lo no seu tom, na sua dicção, na sua articulação sintática, para chegar sempre onde ele quer chegar: ele é *jogral*, no sentido medieval do termo.⁹

*

Alguns leitores, talvez, a partir do título do livro – *A tradição oral* – esperavam encontrar aqui exclusivamente uma análise de textos de tradição oral, do ponto de vista do ritmo, da forma, do conteúdo... E só encontraram um capítulo em sete abordando este problema. É que não se pode confundir *tradição oral* e *literatura oral*, da mesma forma que não se pode confundir sociedade de tradição escrita e literatura ou poesia. A literatura oral é uma forma particular de tratar a herança cultural própria da tradição oral, que diz respeito à sociedade como um todo: a tradição oral engloba, portanto, a literatura oral, mas não poderia se limitar a ela.

Por outro lado, no que concerne à língua, que unifica essas duas noções, trata-se de um campo de pesquisa ainda

⁸ HAMPATÉ BA, Amadou. *Kaydara*. Abidjan, 1978. p. 7.

⁹ Na Idade Média, o *jogral*, também chamado *trovador*, era um poeta nômade, que recitava ou cantava versos, acompanhado de um instrumento. (N. T.)

inexplorado e que merece que alguém se interesse por ele. As características formais do estilo oral, de fato, talvez dêem uma certa configuração à língua. Quando ouvimos uma epopéia oral em uma língua africana, por exemplo, dizemos que certamente é possível traduzi-la para o francês ou o inglês, mas que seria difícil proferi-la nessas línguas recriando o universo rítmico, fônico, que encontramos na versão original. Esse problema ultrapassa o da tradução, abordado com freqüência, pois diz respeito à capacidade que têm certas línguas de veicular uma literatura oral, capacidade que não seria uma qualidade original, mas a marca do estilo oral sobre a língua. Uma vez mais, trata-se aqui de um campo a decifrar/destrinchar, mas podemos encontrar uma boa aproximação nos *slogans*. Quando os manifestantes escandem *slogans*, são obrigados a compor seguindo duas ordens muito diferentes: a ordem lingüística (uma vez que o *slogan* é palavra) e a ordem corporal (uma vez que se escande o *slogan* marchando e, portanto, é preciso respeitar o ritmo binário da marcha). O resultado dessa composição é conhecido: a língua do *slogan* é muito particular (estilo "telegráfico", ausência de artigos, e, por vezes, de verbos, e vemos aparecer na sua forma fônica oposições de duração e acentos tônicos, que não existem na fonologia da língua. O sintagma *Mitterrand président*, por exemplo, poderia ser um título de matéria de jornal, e nesse caso ele seria lido de acordo com as regras da fonologia do francês. Mas trata-se de um *slogan* que é escandido a partir do modelo seguinte: ω'_ω' , isto é, através de uma seqüência de duas breves e uma longa, a longa sendo, além disso, tocada por um tempo forte (poderíamos assim notar esta estrutura da seguinte forma: ddd ddd). Como não falamos por meio de *slogans*, essas características formais permanecem marginais nas línguas de tradição escrita, mas seria interessante procurar saber se as línguas de tradição oral não são *formadas*, em certa medida, pelo estilo oral, e se o acento tônico, por

exemplo, não tem tendência a desaparecer, na medida em que a escrita se impõe numa cultura.

*

Citamos sempre o provérbio latino que diz que as palavras desaparecem e apenas os escritos ficam. E toda a nossa reflexão nos mostrou que as sociedades de tradição oral se organizam em torno de um certo tipo de comunicação para responder a um duplo problema: como preservar a memória social e como transmiti-la? A partir daí, o provérbio em questão aparece claramente como produto de uma tradição escrita, e tudo o que dissemos da tradição oral desmente isso. Aqui, as palavras permanecem, *verba manent*.

Referências

- ANDRZEJEWSKI, B. W.; LEWIS, I. M. *Somali poetry: an introduction*. Oxford: Clarendon Press, 1964.
- BABALOLA, S. A. *The content and form of Yoruba ijala*. Oxford: Clarendon Press, 1966.
- BEIER, U. (Ed.). *Introduction to African literature*. London: Longman, 1967.
- BEST, E. *The Maori school of learning*. Wellington: Dominion Museum, 1923.
- BOWRA, C. M. *Primitive song*. London: Weidenfeld & Nicolson, 1962.
- CÉSAR. *De bello gallico* 6, 14.
- CHADWICK, N. K; ZHIRMUNSKY, V. *Oral epics of Central Asia*. London: Cambridge University Press, 1969.
- CHADWICK, N. K. The distribution of oral literature in the Old World: a preliminary survey. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 69, 1939.
- CHADWICK, H. M. and N. K. *The growth of literature*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. 1.792 p.
- CHAYTOR, H. J. *From script to print*. Cambridge: Heffer, 1945.
- COPE, T. *Izibongo: zulu praise-poems*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- CROSBY, R. Oral delivery in the Middle Ages. *Speculum*, Cambridge, 11, 1936.
- DELARGY, J. F. The gaelic story-teller. *Proceedings of the British Academy*, London, 31, 1945.
- DILLON, M. *Early Irish literature*. Chicago: Chicago University Press, 1948.
- DORSON. Oral styles of american folk narrators. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). *Style in language*. New York: Wiley, 1960.
- ENTWHISTLE, W. J. *European balladry*. Oxford: Clarendon Press, 1939.
- EVANS-PRITCHAERD, E. E. *The Zande trickster*. Oxford: Clarendon Press, 1967.
- FINNEGAN, R. *Early Irish kingship*. Oxford: University of Oxford, 1960. (Não publicado).
- FINNEGAN, R. *Limba stories and story-telling*. Oxford: Clarendon Press, 1967.
- FINNEGAN, R. *Oral literature in Africa*. Oxford: Clarendon Press, 1976.
- FIRTH, R. *We the Tikopia: a sociological study of kingship in primitive Polynesia*. London: Allen & Unwin, 1936.

- FREUCHEN, P. *Book of the Eskimos*. London: Arthur Barker, 1962.
- GOODY, J. (Org.). *Literacy in Traditional Societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- GOODY, J.; WATT, I. The consequences of literacy. In: GOODY, J. (Org.). *Literacy in Traditional Societies*. Cambridge: Cambridge University Press, 1968.
- DILLON, M. (Ed.). *Early Irish society*. Dublin: Radio Éireann, 1954.
- GRIMBLE, A. *Return to the islands*. London: Murray, 1957.
- HORTON, R. The kalabari *Ekine* society: a borderland of religion and art, *Africa*, Edinburgh, 33, 1963.
- KAGAME, A. *La poésie dynastique au Rwanda*. Brussels: Institut Royal Colonial Belge, 1951.
- KIRK, G. S. (Ed.). *The language and background of Homer*. Cambridge: Heffer, 1964.
- KNOTT, E. *Irish classical poetry*. Dublin: Colm Ó Lochlainn, 1957.
- LEACH, MacE. (Ed.). *The ballad book*. London: Yoseloff, 1955.
- LORD, A. B. *The singer of tales*. New York: Atheneum, 1968.
- MBITI, J. S. *Akamba stories*. Oxford: Clarendon Press, 1966.
- NKETIA. Akan poetry, *Black Orpheus*, 3, 1958.
- NORRIS, H. T. *Shinqiti folk literature and song*. Oxford: Clarendon Press, 1968.
- O'RAHILLY. Irish poets, historians and judges. *Proceedings of the Royal Irish Academy*, Dublin, 36, 1922.
- PHILLPOTTS, B. *Edda and saga*. London: Thornton Butterworth, 1931.
- POUND, L. *Poetic origins and the ballad*. New York: Macmillan, 1921.
- RADIN, P. *Primitive man as philosopher*. New York: Dover Publication, 2002.
- RADLOV, V. V. *Proben der Volksliteratur der türkischen Stausme und der dsungaritschen*. St. Petersburg: [s. n.], 1866-1904.
- RASMUSSEN, K. *The Netsilik Eskimos: social life and spiritual culture*, Copenhagen: Gyldendalske, 1931.
- ROSS, J. Formulaic composition in Gaelic oral poetry. *Modern Philology*, Chicago, 57, 1959.
- SIMMONS, D. C. Tonal thyme in Efik poetry. *Anthropological Linguistics*, Bloomington, 2, 1960.
- SMITH, A. G. The social functions and meaning of Hausa praise singing. *Africa*, 1957.

SPINDEN, H. J. *Songs of the Tewa*: preceded by an essay on American Indian Poetry. New York: The Exposition of Indian Tribal Arts Inc., 1933.

TRASK, W. R. *The unwritten song*: poetry of the primitive and traditional peoples of the world. London: Jonathan Cape, 1969. 2 v.

UNESCO. *World congress of Ministers of Education on the eradication of illiteracy (Teheran 1965)*: speeches and messages, Paris, 1966.

e/ou fala vernacularmente.
vernaculização. S. f. Ato ou efeito de vernacularizar.
vernacularizar. V. t. d. Tomar vernáculo.
vernáculo. [Do lat. *vernaculu*, 'de escravo nascido na casa do senhor'; 'de casa, doméstico'; 'próprio do país, nacional'.] Adj. 1. Próprio da região em que está; nacional: "Nada mais pitoresco, nada mais vernáculo, nada mais genuinamente e mais encantadoramente português do que essas simples e modestas navegações d'água doce!" (Ramalho Ortigão, *A Holanda*, p. 83); "E à noite o primeiro gródio da serra, com os pitéus vernáculos do velho Portugal!" (Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, p. 198); a língua vernacula. 2. Fig. Diz-se da linguagem genuína, correta, pura, isenta de estrangeirismos; castiço. 3. Diz-se de quem atenta para a correção e a pureza no falar e escrever; castiço.

• S. m. 4. O idioma próprio de um país.
vernal. [Do lat. *vernale*.] Adj. 2 g. 1. Da, ou relativo à primavera; primaveril: "Transbordaram, no inverno, os cântaros dos montes; / Ao influxo vernal, fervem agora as fontes." (Bulhão Pato, *Livro do Monte*, p. 59.) 2. Diz-se dos vegetais que rebentam na primavera. [Sin. ger.: verno.] ~ V. ponto —

vernalidade. S. f. Qualidade de vernal.
vernalização. [De *vernalizar* + -ção.] S. f. *Fisiol. Veg.* Tratamento, por agentes físicos ou químicos, usado nos países frios, de uma semente, para que se encurte o período vegetativo. [Assim o trigo, p. ex., semeado na primavera após a vernalização, chega a produzir no mesmo tempo que o trigo semeado no outono. *S. jarovização*.]

vernalizar. [De *vernal* + -izar.] V. t. d. Realizar vernalização de.

[Do lat. *vernante*.] Adj. 2 g. Que desabrocha na primavera.
vernes. [Var. de *berne*.] S. m. pl. Veter. Inchação entre o tecido subjacente.

Faculdade de Letras
U F M G